

Lutas por Reconhecimento em Redes Sociais: o Repertório de Autistas Ativistas¹

Francisco Gabriel Alves da SILVA²
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o repertório de lutas por reconhecimento disseminadas por autistas ativistas em redes sociais da internet. Apoiado na teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth (2009), o estudo buscou rastrear os padrões narrativos que mobilizam o ativismo de pessoas autistas na esfera digital, a partir da realização de etnografia virtual em páginas do Facebook, Instagram e Youtube, além de entrevistas narrativas com os responsáveis por essas publicações. A análise de dados identificou oito tipos de temáticas presentes no ativismo autista, incluindo questões como as experiências de capacitismo, lutas por inclusão social e empoderamento da identidade autista.

PALAVRAS-CHAVE: lutas por reconhecimento; redes sociais da internet; identidade autista; autismo; ativismo.

RESUMO EXPANDIDO

Na última década, indivíduos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) passaram a ocupar as redes sociais da internet para a exposição de demandas coletivas em torno do tema. Parte dessa narrativa está concentrada no ativismo de lutas por reconhecimento conforme a proposta teórica de Axel Honneth (2009), o que envolve ações de empoderamento, inclusão social e respeito às diferenças. Sendo assim, este trabalho visa apresentar o repertório de lutas por reconhecimento protagonizadas por autistas ativistas na esfera digital, mediante os seguintes objetivos: a) conhecer as temáticas de maior ocorrência no ativismo digital da comunidade autista e; b) compreender as motivações que levam indivíduos autistas a criar e manter perfis temáticos em redes sociais da internet.

É importante contextualizar o autismo como uma condição atípica do neurodesenvolvimento, cuja existência pode provocar déficits persistentes na

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro do Grupo de Pesquisa em Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). É bolsista da Capes. E-mail: fcogabrielalves@gmail.com.

comunicação e na interação social, além de padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamentos (GAYATO, 2018). Por conta dessas características que fogem dos padrões normativos da sociedade, as pessoas autistas costumam viver como indivíduos marginalizados e tradicionalmente associados à incapacidade (PARSLOE, 2015), o que tem motivado a luta de ativistas por condições de igualdade na sociedade. Vale ressaltar que desde 2012 o autista brasileiro é considerado uma pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, tendo assegurado benefícios de proteção social e de acesso à educação.

Com base em tal contexto, o trabalho se apropria das contribuições teóricas do filósofo alemão Axel Honneth (2009), a partir do entendimento de que a atuação do movimento autista também pode ser enquadrada como uma luta originária das experiências morais de injustiça. A teoria honnetiana se fundamenta nos estudos de formação da identidade de George Mead e nas premissas de reconhecimento social de Georg Hegel. Esta teoria colabora para o entendimento de que o ser humano sempre se movimenta pelo desejo de ser reconhecido pelo outro. A preocupação de Honneth, ao resgatar Mead, é conectar as condições psíquicas de formação da identidade e a evolução moral da sociedade. Já em Hegel, o alemão resgata os processos de confrontação social, considerando a reciprocidade como o alicerce que sustenta a luta por reconhecimento.

Baseado nessa herança normativa, Honneth (2009) sustenta o argumento de que os conflitos sociais são marcados e têm origem nas lutas por reconhecimento, o que representaria o motor das mudanças sociais e, conseqüentemente, da evolução das sociedades. Segundo o autor, a luta por reconhecimento se divide em três esferas: o amor (relações com o próximo), o direito (práticas institucionais) e a solidariedade (convivência em comunidade). Quando o sujeito se sente desrespeitado em qualquer dessas três dimensões ele passa a conhecer a negação do reconhecimento, fato que o motiva para a agenda de lutas sociais.

Ademais, a teoria do reconhecimento conecta a autorrealização dos sujeitos com as formas de desrespeito (violação da integridade física, privação de direitos e ofensa aos modos de vida). É, portanto, a violação dessas condições que vai fomentar a emergência de lutas amparadas em razões morais. Pensar a teoria do reconhecimento sob a realidade do movimento autista se faz importante para compreender as motivações que mobilizam as lutas sociais em torno do tema. Isso porque ao testemunhar experiências de preconceito contra uma identidade marginalizada, a comunidade autista passa a colocar questões na

agenda pública que reivindicam a aceitação do transtorno tanto no reino da intimidade como nas dimensões legais e coletivas.

Em relação à perspectiva metodológica, o trabalho empregou o método de etnografia virtual em quatro páginas de mídias sociais administradas por adultos autistas. Ressalta-se que o estudo optou pela não identificação dos perfis analisados, a fim de manter o anonimato dos ativistas participantes e evitar a exposição de dados eminentemente pessoais. É o que Fragoso, Recuero e Amaral (2011) chamam de “material sensível”. Segundo as autoras, este tipo de informação abrange um amplo escopo de critérios, como a faixa etária dos participantes, suas profissões e o tipo de temática debatida no ambiente digital. Apesar de não identificar as páginas, esta opção metodológica não trouxe prejuízos para o alcance dos objetivos e compreensão dos resultados.

O corpus da pesquisa compreendeu o conteúdo publicado durante o período de abril a setembro de 2020³, o que resultou na coleta de 410 postagens, incluindo textos, fotografias e vídeos. A opção por esse período de observação teve como justificativa a oportunidade de contemplar marcos temporais importantes para a comunidade autista, a exemplo do Dia Mundial de Conscientização do Autismo (celebrado em abril), Dia do Orgulho Autista (comemorado em junho), e campanha de prevenção ao suicídio (Setembro Amarelo). Além disso, foram aplicadas entrevistas narrativas com os autistas responsáveis por esses perfis na internet, a fim de delimitar os acontecimentos que contribuíram para o processo de construção identitária.

A coleta de dados contou com o apoio de formulário codificado para a anotação de informações de cada postagem, como a data de publicação, número de curtidas e comentários, além da transcrição integral do conteúdo publicado. Buscando orientar esse processo, também foram adotados três critérios de seleção para o recorte das narrativas: a) filtro de palavras-chave (incidência de determinadas expressões na narrativa dos autistas, a exemplo de “reconhecimento”, “inclusão”, “direitos”, “desrespeito” e “identidade”); b) filtro de alcance da narrativa na internet (foco em postagens com maior número de curtidas, comentários e compartilhamentos, a fim de priorizar as narrativas de

³ Os dados integram uma parte da pesquisa de mestrado do autor, defendida em 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Apesar deste intervalo de tempo, é preciso considerar que os resultados deste trabalho podem colaborar para o mapeamento do ativismo autista na esfera digital, sobretudo, porque a temática permanece pouco explorada pelos estudos de comunicação e de ciências sociais.

maior engajamento digital); c) filtro de conteúdo autoral (foco nas postagens com autoria do autista que administra a página, desconsiderando possíveis compartilhamentos originários de outros perfis). A avaliação dos dados se inspirou nas contribuições teóricas da análise narrativa e da análise de discurso.

O trabalho identificou oito tipos de temáticas que fazem parte do ativismo de pessoas autistas na esfera digital. São elas: 1) dificuldades cognitivas do autismo no cotidiano; 2) estigmas associados ao transtorno; 3) experiências de capacitismo; 4) limites sociais para o desenvolvimento de capacidades; 5) atores sociais que integram o debate público do tema; 6) formação da identidade autista; 7) autoconhecimento dos indivíduos; 8) agenda de lutas por reconhecimento social. De acordo com os resultados desta pesquisa, mais do que simplesmente reivindicar direitos legais, os autistas utilizam o potencial de alcance das redes digitais para demonstrar a narrativa de capacidades que tornam o sujeito merecedor de estima social. Ao ter consciência da própria identidade, o autista ativista passa a adotar uma postura positiva em relação a si mesmo, buscando a valorização de sua identidade neurodiversa.

Sendo assim, a pesquisa considera que ao tematizar esse repertório de assuntos em redes sociais da internet, a comunidade autista apresenta lutas por reconhecimento que dialogam com a proposta teórica de Axel Honneth (2009), já que as temáticas rastreadas também problematizam violações morais das esferas íntima, legal e comunitária. O ativismo digital busca conscientizar a população para abraçar o sujeito autista como alguém valioso e importante para a diversidade humana. Nessa vertente, as narrativas reivindicam a aceitação afetiva da diferença, a garantia de acesso a direitos legais e a conscientização da sociedade para a derrubada de preconceitos. Além disso, pretende-se dar visibilidade às capacidades do sujeito autista e seu lugar de fala como legítimo representante na luta por reconhecimento social, inclusive, no que diz respeito ao seu diagnóstico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, n. 86, p. 122-135. jun-ago. São Paulo, 2010.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa social reconstrutiva**: introdução aos métodos qualitativos. Petrópolis: Vozes, 2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAYATO, Mayra. **S.O.S Autismo**: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: nVersos, 2018.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. (Trad. Luiz Repa). 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HONNETH, Axel. Invisibility: on the epistemology of “recognition”. **Proceedings of the Aristotelian Society**, n. 75, p. 111-126, 2001.

PARSLOE, S. M. Discourses of disability, narratives of community: reclaiming an autistic identity online. **Journal of Applied Communication Research**, v. 43. n. 3, p. 336–356, 2015.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. Sexualidad, Salud y Sociedad - **Revista Latinoamericana**, nº 25, p. 212-230, 2017.

SILVA, F. G. A. **Ser diferente é normal**: a expressividade do *self* de pessoas autistas em mídias digitais da internet e suas lutas por reconhecimento. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília. Brasília, 2021.